

## “Outros olhares”: ensaios<sup>1</sup>

Milanie Bianca de OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Cálita Fernanda Batista De PAULA<sup>3</sup>  
Gibran Luis LACHOWSKI<sup>4</sup>  
Lawrenberg A. Da SILVA<sup>5</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

### RESUMO

Este *paper* versa sobre dois artigos opinativos que circularam em 2012 pelo curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)\campus Alto Araguaia, numa iniciativa denominada “Outros olhares”. Um deles confronta o discurso oficial sobre as rodovias brasileiras com a precária realidade constatável e o outro associa a indústria cultural à vulgarização da cultura no país. O primeiro foi produzido para a disciplina “Textos de Opinião e Análise Jornalística”, do 5º semestre, e permaneceu em sala de aula. O segundo resultou da disciplina “Filosofia e Comunicação”, do 1º semestre, com cópias afixadas nas paredes da universidade. Os artigos, no geral, valeram-se da conceituação da livre opinião e do gênero jornalístico opinativo, utilizando-se recursos como a recorrência a pesquisas, textos científicos, observação e percepção próprias.

**PALAVRAS-CHAVE:** artigo de opinião; interesse público; rodovias; indústria cultural.

### 1 INTRODUÇÃO

Um curso universitário deve se esforçar para criar mecanismos de interação entre os segmentos que o compõem, estímulo à publicização de trabalhos ligados às disciplinas da matriz curricular, incentivo ao senso crítico e análise acerca da realidade social que perpassa e rodeia a instituição e educação. É o que se entende ser necessário para que se promova um ambiente participativo, em que a estratégias pedagógicas tenham sintonia com os anseios dos estudantes e o que se busca no curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)\campus de Alto Araguaia.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção Jornalismo Literário e/ou de Opinião.

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, email: milaniebianca@msn.com .

<sup>3</sup> Aluna integrante do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: kalitinha\_fernanda@hotmail.com .

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social com – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, email: prof.gibranluis@gmail.com .

<sup>5</sup> Co-orientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, email: lawrenberg@gmail.com .

Entende-se que essa perspectiva deve se pautar no diálogo diário entre as mais diversas disciplinas presentes no curso, respeitadas suas particularidades e os estágios acadêmicos em que se encontram as turmas. Também, na valorização das atividades desenvolvidas em sala de aula, que podem ser potencializadas no próprio meio interno ou ultrapassar o espaço social da disciplina-matriz.

Essas investidas fazem com que os estudantes percam a inibição em expor seus trabalhos, aceitem a condição de serem avaliados e aperfeiçoem suas elaborações acadêmicas na medida em que intensificam o ritmo de produção.

Com esse intuito é que se destaca neste *paper* o processo de construção de dois artigos de opinião escritos em 2012 para disciplinas do curso de Comunicação, quais sejam, “Textos de Opinião e Análise Jornalística”, do 5º semestre, e “Filosofia”, do 1º semestre. Ambos os materiais, associados à iniciativa que aqui recebe o nome de “Outros olhares”, aproveitaram-se das técnicas apreendidas em sala de aula e da revisão pedagógica dos docentes.

O primeiro, denominado “‘Lei só no papel’: a distância entre o que diz o governo e o que se vive nas rodovias do país”, concentrou-se no espaço da sala de aula, restrito à disciplina, mas, diante da possibilidade de submissão em evento científico-experimental de Comunicação – esta edição regional do Intercom, em Rio Verde –, acreditou-se ter o material qualidades necessárias para ser apresentado e, também, decorrer de uma importante estratégia metodológica, que valoriza o jornalismo de concepção social, de apego a assuntos de interesse público, embasado em sólidos argumentos.

O segundo, nomeado “Vulgarizando a vulgaridade”, atendeu à disciplina conexa e também foi exposto nas paredes dos corredores do curso de Comunicação. A experiência de sua produção e exposição, além de seu conteúdo, possibilitaram o entendimento de que seria positiva a inscrição como trabalho experimental no Intercom Centro-Oeste.

Ambos trabalharam com o universo da opinião, sendo o primeiro voltado especificamente ao gênero jornalístico opinativo e o outro ao entendimento de opinião livre, vez que foi produzido numa disciplina não direcionada especificamente ao Jornalismo.

Historicamente a opinião no contexto jornalístico remonta ao início da imprensa enquanto manifestação pública de ideias, no século XVII, na Europa, recebendo o nome de publicismo, num momento em que o que mais tinha destaque nas ainda artesanais publicações eram os artigos de fundo, que representavam os interesses e ideais de grupos

profissionais e comerciais (com ideias burguesas), postando-se como veículos de causas (LAGE, 2004, p. 10-12).

Apesar de hoje se ter de forma majoritária um discurso de valorização ao jornalismo informativo, focado no factual, percebe-se que o espaço do gênero opinativo na imprensa, dada à exposição de posições, defesa de ideias e análise de posturas, também possui destacada presença. Isso ocorre por causa de seus diversos subformatos além do artigo de opinião, como a resenha, o editorial, o comentário, a coluna, a charge, a caricatura e a crônica, além da carta do leitor, que ultrapassa, no entanto, o corpo de profissionais do veículo de comunicação ou de colaboradores fixos do meio midiático (MELO, 2003, p. 118-145).

Conceitualmente, e em diferenciação com o gênero informativo, o opinativo aponta para uma estrutura de “mensagem codeterminada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assume as feições de autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião)” (MELO, 2003, p. 65).

Além do opinativo e do informativo existem, segundo os estudos brasileiros no assunto, os formatos interpretativo e diversional. O primeiro corresponde à extensão da notícia, com enfoque numa abordagem aprofundada, com maior amplitude na exposição do assunto (SODRÉ E FERRARI, 1986). O terceiro, pouco difundido, relacionado a material de entretenimento, com incursões no jornalismo literário e na produção de perfis, tem em Erbolato (2004) um de seus estudiosos.

## **2 OBJETIVO**

A iniciativa “Outros olhares”, de fazer circular ideias pelo *campus* da Unemat por meio de inúmeros mecanismos de divulgação, objetiva incentivar um fluxo contínuo de difusão e partilha de informações, despertando a participação dos estudantes e estimulando a prática de se submeter ao juízo do público espectador.

O artigo relativo às estradas brasileiras buscou mostrar suas más condições de uso, as consequências disto em forma de acidentes e congestionamentos e o volume de dinheiro que deveria ser investido para resolver os problemas, dando ao material um caráter de cobrança social. O relacionado aos males causados pela indústria cultural se valeu de uma costura sógnica que se estruturou a partir de um passeio por ícones da cultura midiático-nacional para efetuar um desvelamento de seus mecanismos de manipulação, garantindo o exercício da criticidade.

O objetivo de ambos os artigos, em suma, foi abordar temas polêmicos que provocassem discussão, atitude, tomada de posição, vez que algumas das funções do jornalismo – aqui enquanto orientação científico-pedagógica dentro de um curso universitário – é aguçar a curiosidade, formular reflexões e fortalecer o sentimento de protagonismo sociohistórico, pois que “Nossa sociedade parece ter se acostumado a crianças morando nas ruas, pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza, à imensa desigualdade de nosso país, ao desrespeito pelos fracos, à falta de ética, ao excesso de violência (Dimenstein, 2009, p.7).

### **3 JUSTIFICATIVA**

A discussão em torno deste problema é de fundamental importância tanto economicamente como humana, pois todos os dias são feitas vítimas desse sistema nas estradas, desperdício de grãos que supriria boa parte da fome do país, fretes com valores altíssimos que acabam afetando o produto final nas prateleiras dos mercados, enquanto grande parte da população perde com a elevação dos preços e o governo não altera sua sanha de arrecadações.

Além disso, a precariedade das estradas é algo que afeta diretamente motoristas e pedestres que moram em Mato Grosso, mais especificamente no município onde está instalado o curso de Comunicação da Unemat, em Alto Araguaia (com 15,6 mil habitantes, segundo censo do IBGE 2010), como Alto Taquari e Alto Garças. Também Goiás convive com esses problemas, sendo a cidade de Santa Rita do Araguaia (com 6,9 mil habitantes\IBGE-2010), que faz divisa com Alto Araguaia, uma das mais atingidas na região. Afinal, as áreas urbanas de todas as cidades mencionadas são cortadas por rodovias.

Já quanto à presença e atuação da indústria cultural na sociedade globalizada, justifica-se sua menção por conta de sua capacidade de mobilização subjetiva, que integra inegavelmente o universo das teorias da comunicação e suas análises filosóficas, mais críticas ou adesistas. Trata-se de algo que permeia e perpassa a narrativa jornalística, sobretudo no espectro midiático comercial, que compreende a notícia, assim como a dramaturgia, o entretenimento, o esporte e a cultura enquanto “meras mercadorias”, cujos valores são definidos pela mentalidade-índice-de-audiência (BOURDIEU, 1997).

### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A iniciativa comunicativa “Outros olhares”, que comportou os dois artigos de opinião expostos neste *paper*, funciona de modo descentralizado, partindo da relação ementa\disciplina, conteúdos e possíveis meios de divulgação de produtos acadêmicos. Pode ser utilizado por qualquer disciplina da matriz curricular do curso de Comunicação da Unemat e, percebe-se, deve ser mais socializada enquanto ideia para que haja maior número de contribuições universitárias circulando pelo *campus*.

A proposta pedagógica – pensando em seu potencial – pode abarcar desde os meios de divulgação mais formalizados na faculdade de Comunicação, como a Agência Junior de Jornalismo “Focagen”, espaço voltado à produção de notícias e reportagens e também usado como ambiente de estágio para parcela dos acadêmicos. Também pode envolver (como foi o caso dos dois artigos em tela) outras possibilidades de circulação de informações e ideias, como pela afixação de produtos nas paredes da universidade, pela socialização em sala de aula, distribuição via *e-mail* e veiculação em espaços midiáticos externos à Unemat.

No que diz respeito aos artigos de opinião selecionados, suas construções se deram a partir do vínculo com disciplinas do curso e, por consequência, a partir de seus planos de ensino. A matéria “Textos de Opinião e Análise Jornalística”, do 5º semestre, estabelece foco na concepção sócio-histórica e cultural da opinião, no gênero opinativo jornalístico – com sua conceituação e suas formas de expressão – e no ferramental necessário para o exercício da leitura crítica da sociedade (SOUZA, 2010).

Os procedimentos metodológicos da disciplina estimulam o aprofundamento teórico como forma de garantir a exposição de argumentação sólida, fundamental para qualquer produto relativo ao jornalismo de tipo opinativo:

Os trabalhos desta disciplina serão orientados pelo modelo sociointeracionista, que prioriza a construção do pensamento por meio de pesquisas, leituras, debates e atividades escritas, além das aulas expositivas com participação dos alunos nos debates. A pesquisa socializada é um importante recurso no trabalho. (SOUZA, 2010, p. 1)

Já a disciplina “Filosofia e Comunicação” trabalha com a história do pensamento e macrocorrentes que sustentam paradigmas que orientam a humanidade, como consta da ementa de seu plano de ensino:

O pensamento moderno e a preocupação com o conhecimento; racionalismo, empirismo, idealismo, materialismo, positivismo e a questão da verdade; a linguagem no centro das discussões; o pragmatismo

americano e as correntes do século XX; filosofia e comunicação; filosofia e contemporaneidade. (PERSCH, 2012)

Essa disciplina, por ser ministrada no 1º semestre, é uma das que forma o chamado “tronco comum”, tendo a responsabilidade de apresentar o universo acadêmico ao estudante, o conteúdo filosófico mais elaborado e as incursões da filosofia em meio ao campo da comunicação. Nesse sentido, como provocação ao início da formulação de um senso crítico fundado em bases científicas e que seja capaz, principalmente pela ação empírica, de se lançar em discussões contemporâneas, como as que a mídia oferta.

Como os dois artigos em questão foram vinculados a disciplinas, ambos estruturaram-se em arcabouços teóricos relativo às suas bibliografias oficiais e às que foram utilizadas como auxiliares durante o semestre em que foram ministradas. No caso de “Textos Opinativos e Análise Jornalística”, a estruturação do material sobre as rodovias se valeu do entendimento de que o artigo de opinião corresponde a um formato discursivo em que a pessoa mostra seu entendimento e sua posição referente a um fato, situação ou assunto, formulando sua narrativa com base em argumentos que garantam força e lógica da exposição das ideias.

Caracteriza-se pela visão do autor, podendo ser ele um jornalista ou não. Quando não se trata de um profissional do jornalismo, com frequência desempenham o papel opinativo especialistas nos assuntos veiculados ou pessoas reconhecidas socialmente.

Entretanto, quando o artigo de opinião tem por autor um jornalista o que se observa é que sua explanação se remete diretamente a um acontecimento de impacto, algo que mobilize a sociedade, sendo ele em seu “estado bruto” ou já na condição de produto jornalístico. Pode, também, se concentrar em repercutir posições já mencionadas, para reforçar entendimentos ou manifestar outras angulações. Em ambos os casos, subentende-se que o material tenha uma carga de argumentação mais sólida, fundada em fatos, números, associações históricas, citações ou paráfrases relativas a pessoas envolvidas, sínteses de pesquisas, entre outros. Afinal, é preciso estar preparado para projetar-se publicamente, visto que o artigo opinativo é marcado por discussões, controvérsias e se revela em questões polêmicas nas quais o autor toma posições, defende posturas e critica comportamentos (MELO, 2003, p. 66-67).

Em termos mais específicos, alicerçada na conceituação do artigo de opinião (de caráter jornalístico), a autoria do material procedeu à busca de informações sobre o assunto escolhido, ou seja, a situação das rodovias brasileiras. Isso se deu por meio do acesso a leis,

pesquisas e relatórios de órgãos ligados ao governo e ao empresariado. Entre as fontes de informação documental estão o Código de Trânsito Brasileiro (com direitos e responsabilidade do cidadão), a Confederação Nacional do Transporte-CNT (com apontamento do estado de conservação das estradas), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-Ipea (com o volume de dinheiro que deveria ser investido no setor) e o governo federal (sobre ações do Programa de Aceleração do Crescimento 2-PAC 2 nas rodovias).

Para a construção do artigo também foi necessário o levantamento de dados elementares, desde a extensão da malha rodoviária do país e o percentual de uso deste modal de transporte em território nacional até o registro de distâncias e populações de cidades citadas. Ainda houve recorrência ao noticiário regional para se buscar casos de acidentes nas rodovias próximas da divisa Mato Grosso\Goiás com vistas a melhor ilustrar os problemas apontados no artigo.

No que diz respeito ao outro artigo, houve também o recurso de se fundamentar no entendimento conceitual do seu foco, no caso, a indústria cultural, que corresponde a uma leitura negativa sobre a ação dos meios e mecanismos ideológicos e tecnológicos que agenciam, sobretudo, os campos da cultura e do entretenimento, no sentido de cravar-lhe uma funcionalidade fundamentalmente mercantilista (capitalista).

Apesar de ter sido elaborada nas primeiras décadas do século XX, a chamada “Escola de Frankfurt”, que teve em Horkheimer, Adorno, Marcuse e Benjamin seus principais formuladores e impulsionadores, é ainda hoje uma forte influência nos estudos de teorias da comunicação, pois se trata do manejo de ideias e não de uma visão instrumental dos veículos midiáticos:

Em essência, o conceito não se refere pois às empresas produtoras, nem às técnicas de comunicação. A televisão, a imprensa, os computadores<sup>6</sup> etc., em si mesmos não são a indústria cultural: essa é, sobretudo, um certo uso dessas tecnologias. Noutras palavras, a expressão designa uma prática social, através da qual a produção cultural e intelectual passa a ser orientada em função de sua possibilidade de consumo no mercado. (RÜDIGER, 2007, p. 138)

O artigo “Vulgarizando a vulgaridade”, por ter sido feito no 1º semestre do curso, não contou com o aporte específico das conceituações e técnicas jornalísticas. As primeiras disciplinas ligadas ao universo do jornalismo aparecem no 2º semestre. Diante disso buscou-se produzir o material como um ‘artigo livre’, pautado no

---

<sup>6</sup> Acrescentaria-se hoje a *internet*, o celular, o *tablet*, entre outros.

entendimento sobre indústria cultural e aplicado a um cenário perceptível de ícones da mídia brasileira, assegurando ao produto um tom irônico e o registro de situações cotidianas, quase como que numa crônica.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Como a iniciativa “Outros olhares” busca estimular a produção e publicização de materiais feitos por estudantes de inúmeras disciplinas e a partir dos mais variados meios de divulgação, os dois artigos citados neste *paper* não foram colocados num mesmo formato. Ambos tiveram caminhos e vinculações diferentes, com um deles funcionando como trabalho de sala de aula e outro sendo exposto nas paredes da universidade.

O artigo “Lei só no papel...” inicia-se com a menção de que o Código de Trânsito Brasileiro estabelece que é direito do cidadão condições dignas de circular pelas rodovias do país, contudo que tal dispositivo legal não tem como ser cumprido em razão da precariedade das estradas, pelo mal estado de conservação e falta de sinalização. Segue apresentando a incoerência presente no fato de as rodovias se constituírem no principal modal de transporte do país, mas estarem em mais de 60% em estado péssimo, ruim ou regular, conforme a CNT, o que seria resolvido com R\$ 545 bilhões (segundo o Ipea), valor bem aquém do orçamento da União para as estradas em 2012, de R\$ 13,8 bilhões, e que nem com o PAC 2 (R\$ 472,4 bilhões) teve alteração substancial no quadro.

Em seguida o artigo se concentra em situações regionais, em municípios próximos da divisa entre Mato Grosso e Goiás, enfocando a MT-100 e a BR-364, em trechos marcados por longos congestionamentos, mal estado de conservação das pistas e constante ocorrência de acidentes graves. E avança para dentro das cidades, vez que as rodovias cortam suas áreas urbanas, expandindo o perigo dos acidentes e os transtornos nas vias de circulação, assuntos frequentes nas reivindicações públicas feitas na região. O material é encerrado com um chamado à consciência da sociedade, para que se posicione como protagonista diante da situação, acompanhando a temática e canalizando suas discordâncias de modo público e efetivo.

Já o artigo “Vulgarizando a vulgaridade” utiliza-se da primeira pessoa do singular, demarcando a presença explícita da autoria, que nos primeiros parágrafos se dedica a dar contornos do que venha a ser a indústria cultural. Em seguida apresenta uma série de atrações midiáticas conhecidas amplamente pelo público brasileiro, intercalando a apreciação dos veículos de comunicação com reflexões sobre a utilidade e a moral dos seus

conteúdos e finalidades. Vez por outra mostra que há uma intencionalidade inesperada por trás do “inocente entretenimento” (como nos livros de autoajuda, que seriam feitos para acomodar as pessoas ao mundo consumista e conturbado e não para estimular mudanças de atitude).

Mais à frente o artigo aponta que não se deve demonizar a cultura ou os veículos de comunicação como um todo, dando um ar onipresente à indústria cultural, visto que existem aos montes artistas e produtos midiáticos de boa qualidade, mas perceber como as engrenagens são articuladas. E fecha o material criticando a postura do governo federal, que trata o desenvolvimento do país a partir, fundamentalmente, do aspecto econômico, em vez de conduzi-lo pela inclusão sociocultural.

## 6 CONSIDERAÇÃO

Considera-se que a produção dos dois artigos mencionados durante este *paper*, inseridos na iniciativa “Outros olhares”, contemplou uma dimensão acadêmica que valorizou a pesquisa conceitual e a aplicação de técnicas textuais. Isso ocorreu mesmo trabalhando-se com distâncias pedagógicas concernentes às ementas das disciplinas às quais as autoras estavam vinculadas (“Textos de Opinião e Análise Jornalística” e “Filosofia e Comunicação”) e de estágios de aprendizado (5º e 1º semestre, respectivamente).

Entende-se que os dois assuntos enfocados – situação das rodovias brasileiras e malefícios da ação da indústria cultural na sociedade – são pertinentes aos âmbitos em que foram trabalhados (jornalismo e comunicação social) e se configuram como questões presentes no dia a dia da população, o que garante aos materiais atualidade e interesse público.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MELO, J. M.. **Jornalismo Opinativo: Gêneros Opinativos no jornalismo brasileiro**. 3 ed. Campos Jordão: Mantiqueira, 2003.
- DIMENSTEIN, G.. **O cidadão de papel**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2009.
- LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 8. ed. – São Paulo: Ática, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- ERBOLATO, M. **Técnicas de codificação em jornalismo – redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 2002.
- SOUZA, S. R. **Plano de ensino de Textos de Opinião e Análise Jornalística**. Universidade do Estado de Mato Grosso\Campus Alto Araguaia, 2010.
- PERSCH, D. **Plano de ensino de Filosofia e Comunicação**. Universidade do Estado de Mato Grosso\Campus Alto Araguaia, 2012.

RÜDIGER, F. A Escola de Frankfurt. In: HOHFELDT, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V.V. **Teorias da comunicação** – conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2007.